

Dívida cresce R\$ 11,7 bi

Volume de títulos bate recorde: R\$ 707,7 bilhões

BRASÍLIA - Mesmo estando menos suscetível aos altos e baixos do dólar e colocando no mercado papéis com prazo de vencimento mais longo, o governo viu sua dívida em títulos atingir o patamar recorde de R\$ 707,74 bilhões em setembro. Esse resultado representa um aumento de 1,7% ou R\$ 11,79 bilhões em relação a agosto, quando a dívida somava R\$ 695,95 bilhões. E a perspectiva para o fim do ano não é das melhores.

O coordenador-geral da dívida pública do Tesouro Nacional, Paulo Valle, acredita que a dívida vai crescer mais R\$ 45,26 bilhões até dezembro, fechando 2003 em R\$ 750 bilhões, teto estabelecido no Plano Anual de Financiamento (o mínimo era de R\$ 690 bilhões).

A justificativa para a elevação da dívida mobiliária, que nos nove primeiros meses do

ano cresceu R\$ 84,5 bilhões, é que o governo adotou a estratégia de recompor seu caixa, aproveitando o bom humor do mercado. No auge da crise de confiança do país, por conta do processo eleitoral, o "colchão" (dinheiro para pagar os vencimentos) do governo evaporou.

De janeiro a setembro, o Tesouro Nacional emitiu R\$ 265,1 bilhões em títulos e resgatou, incluindo os papéis do Banco Central, R\$ 256,4 bilhões. Isso significa que R\$ 8,7 bilhões foram direto para o "colchão" do governo. Em setembro, a emissão líquida de títulos totalizou R\$ 2,3 bilhões.

- Ano passado, por causa da crise, tivemos que usar o caixa. Este ano, estamos conseguindo implementar o que está previsto: aumentar gradualmente o percentual da dívida atrelado ao índice de preços e reduzir a cambial - afirmou Valle, acrescentando que a reserva do Tesouro hoje é superior a R\$ 60 bilhões, o equivalente a três me-

ses de vencimentos.

Outro fator para o aumento da dívida em títulos é o elevado pagamento de juros. Só no mês passado, foram R\$ 10,7 bilhões (considerando inflação e excluindo o câmbio).

Da dívida mobiliária total de R\$ 707,74 bilhões, 9,05% está prefixada, 49,73% é atrelada à Selic, 12,91% a índice de preços e 26,48% ao câmbio. A perspectiva, conforme Vale, é de que a parcela prefixada feche o ano representando entre 12% e 13%.

Resgate de papéis cambiais não evitou expansão da dívida

Já em relação à parte atrelada em câmbio (incluindo operações de *swap*, contratos que rendem a diferença entre a variação cambial e juros prefixados), o chefe do Departamento de Operações do Mercado Aberto do Banco Central, Sérgio Goldenstein, espera que encerre o ano representando até 22% da dívida total. Desde janeiro, o resgate de títulos cambiais e *swap* soma US\$ 13,242 bilhões.